

MAPEAMENTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM TIMOR-LESTE

Muito trabalho a ser realizado e um campo repleto de possibilidades para investigação é como defino a área da Educação Física escolar em Timor-Leste. Licenciada em Educação Física e Desportos pela Universidade Federal do Espírito Santo, no Brasil, fui selecionada em 2014 para compor o grupo de professores da cooperação brasileira em Timor, objetivamente para iniciar meu trabalho no Programa de Qualificação de Docentes e Ensino da Língua Portuguesa no Timor-Leste (PQLP) nesta área específica. Devo dizer que, embora passados dez meses em território timorense, o campo de atuação da Educação Física no contexto escolar continua a ser uma grande interrogação.

Os leitores desta coluna conseguiriam responder quem são os professores de educação física em Timor Leste? Existem materiais, equipamentos e instalações? Quais os conteúdos específicos relacionados com a realidade timorense? Qual a concepção local acerca da especificidade da educação física (movimento humano? atividade física? cultura corporal de movimento?) O que conhecemos sobre a história da educação física timorense? Quando esse componente curricular foi introduzido no ensino básico e secundário?

Como se constituiu o processo de afirmação da educação física como prática relevante na escola? Seria possível traçar uma diferenciação acerca da educação física no período da ocupação indonésia e na fase pós-independência? Afinal, quais seriam as possibilidades e desafios da educação física no Timor? Parece-me uma tarefa bastante difícil tentar responder qualquer uma dessas questões, já que registros ou sistematizações nessa área são escassos (para não dizer inexistentes).

De acordo com o Departamento de Recursos Humanos do Ministério da Educação, nas redes pública, privada e católica, existem 12.976 professores que atuam no ensino básico e secundário em 1.373 unidades de ensino em Timor-Leste. Desses 12.976 professores, aproximadamente 4.792 possuem curso superior completo, dessa forma a maior parte apresenta



Foto: arquivo pessoal da Profa. Tuti W. Rodrigues

como formação o ensino básico, secundário ou certificado em curso complementar. Não há, atualmente, uma organização desses dados a partir das áreas específicas do conhecimento. Um único professor pode estar lecionando em duas ou três disciplinas diferentes.

Ao visitar diferentes departamentos de instituições públicas ligadas ao Ministério da Educação em busca de informações sobre quem são e onde estão os professores de Educação Física escolar, não conseguiria enumerar a quantidade de vezes em que escutei “la iha professora”. A recorrência da expressão “la iha professora” se justifica, em grande medida, pela inexistência de

dados sobre a quantidade de professores com formação em educação física e as instituições em que atuam. Acerca dessa questão, podemos afirmar que grande parte dos profissionais que lecionam educação física nas escolas não tem formação específica na área, na medida em que o curso de bacharelato em Educação e Desporto da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL) foi instituído em 2010 e somente sete pessoas o concluíram em 2013.

Com o objetivo de conhecer essa realidade e intervir a partir da minha atuação como docente do Departamento de Desporto, tenho buscado realizar um “diagnóstico” da situação da educação física escolar. A partir do projeto de investigação “Mapeando a Educação Física Escolar em Timor-Leste”, realizei entrevistas com os sete professores timorenses que concluíram o curso em 2013. A próxima etapa será realizar visitas a algumas escolas em Díli, com o intuito de identificar o perfil dos profissionais que lecionam esse componente curricular, as condições materiais para desenvolvimento das aulas e os aspectos teórico-metodológicos.

Parece-me não só importante, mas fundamental, que as ações de cooperação internacional para formação de professores sejam planejadas e estruturadas a partir da realidade timorense, ou seja, a partir do (re)conhecimento da realidade e, ao mesmo tempo, da utilização desses conhecimentos para modificar essa mesma realidade. Compreender o imaginário que orienta as ações dos principais agentes envolvidos (docentes, gestores e estudantes) e as condições materiais para o trabalho a ser realizado devem ser o ponto de partida para qualquer ação de formação (eficaz), seja ela inicial ou contínua.

Franciane Rossetto Soares
Mestre em Ciências da Educação
Estatutária na Secretaria Municipal de Educação
(Cariacica, ES/BRASIL)
email: fran_rossetto@hotmail.com

Matadalan sa ida? O que é matadalan?

O substantivo matadalan ou mata dalan, em tétum, de acordo com Luís Costa, significa guia, caminheiro; por extensão, líder. Se aceitarmos essa tradução, o nome do jornal – Matadalan: matan ba demokrásia no dezenvolvimentu – poderia ser traduzido da seguinte maneira: Matadalan: guia/caminho para desenvolvimento da democracia. O título do jornal nos serve como inspiração para pensarmos a função de um líder numa sociedade e o seu valor.

Líder é uma possível tradução do termo matadalan. Segundo o dicionário Porto Editora da Língua Portuguesa, líder é o “chefe; orientador; pessoa que chefia uma empresa, uma corrente de opinião ou um grupo”. Há muitos líderes: líder de uma família, líder de uma aldeia, líder em uma guerrilha, líder espiritual ou líder político. O líder é quem indica a direção correta.

A história mundial recente nos apresenta vários líderes. Temos Mahatma Gandhi, Nelson Mandela, Martin Luther King, entre outros. Todos eles, de uma forma ou de outra, foram líderes e guiaram o povo para a libertação da opressão, fugindo do obscurantismo imposto pelos opressores.

Mas e se o líder, por motivos desconhecidos, ao guiar a população por caminhos tortuosos, entrar em uma rua sem saída ou levar todos a um destino pior que o lugar de onde vieram ou agir visando seu próprio bem? Como agiríamos nessa situação?

Muitos diriam que o líder não agiria dessa forma e que seu objetivo seria sempre o de fazer e buscar o bem para todos. Todavia, não é difícil encontrarmos pessoas que exercem a liderança manipulando, enganando e traindo seus amigos e até mesmo os próprios ideais em função de questões obscuras.

A ação de liderar implica numa relação de libertação, na qual o líder faz com que seus liderados se sintam capazes de assumir a sua posição em qualquer momento do processo. O líder deve ser antes de mais nada um conscientizador; um educador, antes de tudo. No processo de conscientização, o líder não deve manipular e nem prescrever suas ações aos demais, pois dessa forma ele acaba agindo de maneira contrária ao processo pedagógico. Podemos dizer que é através desse processo que se libertam as pessoas; daí a importância dada às escolas como um dos lugares em que isso ocorre, pois a verdadeira educação deve estimular o espírito crítico e a disciplina intelectual. Além disso, o processo pedagógico exige que as pessoas não sejam passivas diante do mundo, que elas aprendam a se posicionar diante do mundo e no mundo, além de pensar como o discurso (na teoria) se materializa na prática.

A educação é fundamental em uma sociedade, pois através dela os indivíduos se tornam livres e autônomos, não vivendo sobre o julgamento de outros. Pensar uma sociedade em que os líderes são necessários significa pensar um lugar em que a educação falhou, pois não foi suficiente para fazer dos adultos seres livres, capazes de pensar por conta própria. Por outro lado, se em algum momento essa sociedade necessitou de líderes, os líderes ou uma

vanguarda revolucionária lúcida, como Paulo Freire nomeia, precisam tratar a massa ou a população como capacitada e prepará-los para caminhar com seus próprios pés. Essa vanguarda lúcida não deve ser vista como salvadora, sentindo-se educadora do povo, pois dessa forma se distanciará das pessoas, não construindo um diálogo entre educandos e educadores, fator importante no processo pedagógico, visto por Paulo Freire.

A vanguarda lúcida, colocando-se como educadores reais, em diálogo com o povo, precisa cultivar uma educação crítica, na qual não há educadores e alunos, mas sim mulheres e homens fazendo parte de um processo no qual todos aprendem com todos, objetivando a libertação. Se entendermos as ações entre governantes e governados, professores e alunos dessa maneira, a educação se fará de forma radical, estimulando o desenvolvimento dos seres humanos e promovendo um verdadeiro processo de libertação do povo. Quem sabe, no futuro, talvez assim, não precisaremos mais de líderes e eles perderão sua importância.

Portanto, se pensarmos o conceito de líder e guia ou vanguarda revolucionária lúcida como Paulo Freire apresenta em seus livros, veremos que não será necessário um Matadalan: guia/caminho para a democracia, pois ela (a democracia) será o único fim a ser alcançado.

por Flávio Clementino Silva
Prof. Mestre em Educação Tecnológica (PQLP/CAPES)
email: flavioclementino@gmail.com